

-
- **UE diz que acaba com sanções se Mianmar avançar em democracia**
 - **Conselho da ONU condena abusos sistemáticos em Mianmar**
 - **Birmânia diz estar disponível para conversações com os Estados Unidos**
-

UE diz que acaba com sanções se Mianmar avançar em democracia

EFE_25 mar. 2009

O enviado especial para Mianmar da União Europeia (UE), Piero Fassino, assegurou hoje que o bloco "está preparado para suspender as sanções" à Junta Militar birmanesa, caso sejam dados os passos necessários para democratizar o país.

Na coletiva de imprensa que encerrou sua visita de dois dias a Jacarta, Fassino ressaltou que as sanções são "um instrumento e não um objetivo".

A UE estuda atualmente a renovação das sanções administrativas e econômicas que impôs a Mianmar em abril de 2008. "Estamos preparados para suspender as sanções caso sejam dados passos positivos na evolução da situação do país", disse o enviado especial, em relação à realização de eleições democráticas em 2010.

No entanto, reconheceu que os avanços não foram suficientes e que a Junta Militar prepara o processo eleitoral de forma "unilateral". O regime militar que governa Mianmar não reconheceu os resultados das últimas eleições parlamentares, realizadas em 1990 e nas quais perdeu de forma arrasadora para a Liga Nacional para a Dem.

Conselho da ONU condena abusos sistemáticos em Mianmar

Reuters/Brasil_27 mar. 2009

A Organização das Nações Unidas (ONU) condenou nesta sexta-feira o que chamou de violações sistemáticas dos direitos humanos em Mianmar e exortou a junta militar que controla o país a soltar todos os presos políticos. Estima-se que o número de detentos chegue a 2.100.

A resolução, patrocinada pelo Ocidente, foi criticada pela maioria dos países asiáticos, além da Rússia, que afirmou que a decisão, de cumprimento não-obrigatório, não é produtiva. "Condenação e exercer pressão não são úteis para resolver fundamentalmente o problema", disse o enviado da China à ONU.

A resolução pede que os militares de Mianmar parem de realizar "prisões com motivação política" e imediatamente soltem incondicionalmente todos os prisioneiros políticos detidos em "condições cruéis, em locais desconhecidos ou sem acusação formal". Os pedidos incluem a libertação da líder opositora Aung San Suu Kyi, vencedora do prêmio Nobel da Paz, cuja mais recente prisão domiciliar começou em 2003.

O Conselho de Direitos Humanos também pediu às autoridades de Mianmar que revejam as "duras sentenças" dadas contra críticos desde novembro, em julgamentos a portas fechadas, e que encerrem a impunidade às pessoas que cometerem abuso dos direitos humanos. O conselho também estendeu para um ano o mandato de seu investigador especial em Mianmar, Tomas Ojea Quintana, dizendo que a situação no país pede um monitoramento cuidadoso.

Birmânia diz estar disponível para conversações com os Estados Unidos

Público.pt_27 mar. 2009

A junta birmanesa está disponível para conversações com os Estados Unidos, disse o ministro da Informação, depois de uma rara visita de um alto diplomata norte-americano ao país. Isto, no mesmo dia em que o líder birmanês afirmou que os partidos políticos ávidos de democracia devem ignorar as ideologias "importadas" do estrangeiro. "O Presidente [Barack] [Obama](#) prometeu fazer mudanças. Acho que a visita foi só o princípio da mudança", afirmou o general Kyaw Hsan aos jornalistas locais, reunidos na capital por ocasião da parada anual das forças militares.

O enviado de Washington, Stephen Blake, insistiu por seu lado que a sua visita representa apenas a reavaliação da política dos Estados Unidos face à Birmânia, mas que não haverá uma mudança face ao regime militar que governa o país com mão-de-ferro, e que é alvo de várias sanções norte-americanas, adiantou a Reuters. A anterior Administração, de George W. Bush, classificava a Birmânia de “posto avançado da tirania”; por seu lado, a junta acusava “uma certa superpotência” de se imiscuir nas suas questões internas. “As nossas relações estavam bloqueadas mas não por não querermos lidar com eles”, continuou hoje Kyaw Hsan.

Blake encontrou-se com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Nyan Win, representantes de grupos de minorias étnicas e membros da Liga para a Democracia, o partido da líder da oposição, Aung San Suu Kyi (em prisão domiciliária desde 2003). A viagem, que se enquadrou numa ronda por cinco países, surge um mês depois de a chefe da diplomacia de Washington, Hillary Clinton, ter anunciado, também numa visita à Ásia, uma revisão da política externa americana.

Aproveitando a demonstração de força militar nas ruas, devido à parada em Naypyidaw que contou com 13 mil soldados, o generalíssimo Than Shwe lançou avisos à oposição. “A democracia hoje [na Birmânia] está num estado de nascimento e requiere ainda uma atenção paciente”, disse o “número um” do regime num discurso de 25 minutos, citado pela AFP. “Certos partidos viraram-se para países estrangeiros para direcção e inspiração... e seguiram de forma irracional ideologias e directivas importadas”, adiantou. A junta tem acusado a Liga de agir sistematicamente “contra os interesses do Estado” birmanês, com o apoio activo dos EUA e seus aliados.

-
- Partido opositor de Mianmar pede novo encontro com Suu Kyi
 - ONU diz que detenção de Suu Kyi é ilegal
 - Ue podera analisar abrandamento de sancoes se houver avancos democraticos
-

Partido opositor de Mianmar pede novo encontro com Suu Kyi

AFP_24 mar. 2009

O principal partido de oposição de Mianmar anunciou nesta terça-feira ter pedido mais uma vez um encontro com sua líder, Aung San Suu Kyi, que permanece detida pelo regime militar, no que um grupo de especialistas da ONU considera uma violação das leis do país.

A Liga Nacional pela Democracia (LND) de Suu Kyi reitera em um comunicado o direito de se encontrar com a prêmio Nobel da Paz, que passou a maior parte dos últimos 19 anos detida. "Como a LND é um partido político que atua legalmente é essencial que possamos definir a política do partido, suas regras, objetivos e projetos futuros", afirma o texto. O comunicado também pede um encontro com o vice-presidente do partido, Tin Oo, que assim como Aung San Suu Kyi está em prisão domiciliar desde 2003.

ONU diz que detenção de Suu Kyi é ilegal

Renascença - Lisboa,Lisboa,Portugal_24 mar.2009

A detenção de Aung San Suu Kyi, líder da Liga Nacional para a Democracia (partido da oposição), é ilegal segundo as leis de Myanmar (ex-Birmânia), disse hoje um organismo das Nações Unidas.

O Grupo da ONU para Detensões Arbitrárias classificou como ilegal a detenção de acordo com as próprias leis do país, disse o advogado de Suu Kyi, Jared Genser. Do ponto de vista da lei internacional, a detenção já tinha sido classificada como ilegal e arbitrária à luz da Declaração Universal dos Direitos Humanos cinco vezes.

O grupo pede ao Governo a “libertação imediata, sem quaisquer condições, de Aung San Suu Kyi da sua prisão domiciliária”, dizia uma declaração de Novembro, tornada pública apenas esta semana. Genser, que é presidente do grupo de defesa para prisioneiros políticos Freedom Now, fala do aumento de pressão internacional sobre a junta que governa o país e pede ao Secretário-geral da ONU que vá ao país “e fale directamente com a junta”. Suu Kyi tem estado sob prisão domiciliária durante mais de 13 dos últimos 19 anos.

Ue podera analisar abrandamento de sancoes se houver avancos democraticos

Lusa_25 mar.2009

O enviado especial da União Europeia para a Birmânia disse hoje que a UE poderá analisar um abrandamento das sanções contra o país se se registarem avanços democráticos por parte da junta militar que o governa. "O Conselho Europeu declarou em várias ocasiões que estamos prontos a alterar as sanções se houver passos positivos na direcção que desejamos", declarou o italiano Piero Fassino durante uma conferência de imprensa. Se durante o próximo mês houver uma evolução positiva, por exemplo aplicação de reais garantias democráticas, analisaremos" a questão das sanções, adiantou, após um encontro com o ministro dos Negócios Estrangeiros indonésio e o secretário-geral da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN).

O conselho das relações externas do Conselho Europeu poderá discutir no final de Abril as sanções impostas há mais de 10 anos à Birmânia e reforçadas após a repressão em 2007. Segundo Fassino, para que as sanções sejam aligeiradas, o regime deve levantar as restrições em relação aos opositores para as eleições previstas para 2010. "É impossível ter eleições livres e justas se a líder da oposição está detida", adiantou, referindo-se a Aung San Suu Kyi, que passou 13 dos últimos 19 anos em prisão domiciliária. Anualmente a junta vai alargando a detenção, cujo prolongamento as Nações Unidas consideraram violar as leis do próprio país além das da comunidade internacional.

"A última renovação (em 2008) da ordem para colocar Suu Kyi sob prisão domiciliária não só viola a lei internacional mas também leis nacionais de Myanmar (Birmânia)", indica uma opinião legal do Grupo de Trabalho sobre Detenções Arbitrárias da ONU, divulgada terça-feira e que foi enviada ao governo birmanês. O grupo de trabalho, ligado ao Conselho de Direitos Humanos, refere que Suu Kyi está detida sob a lei de protecção do Estado de 1975, que apenas permite ordens de prisão renováveis até um máximo de cinco anos. Este período de cinco anos terminou em Maio de 2008. Também questiona se Suu Kyi representa uma ameaça para a "segurança do Estado ou tranquilidade pública", a cláusula da lei de 1975 que as autoridades apontaram como razão para o prolongamento da detenção

Tomas Ojea Quintana, investigador dos direitos humanos

Correio da Manhã_17 mar. 2009

As autoridades birmanesas prenderam cinco membros do partido da líder pró-democracia Aung San Suu Kyi, revelou esta terça-feira um porta-voz da Liga Nacional para a Democracia, um dia depois de a ONU ter pedido a libertação de 2.100 presos políticos detidos em Myanmar (antiga Birmânia).

Entre os detidos está Kyi Lwin, que não é militante activo do partido desde que sofreu, há cerca de um ano, um acidente vascular cerebral. Mesmo assim, refere o mesmo porta-voz, a Polícia foi buscá-lo a casa no domingo sem dar explicações. Os outros membros da Liga Nacional para a Democracia detidos entre os dias 6 e 16 de Março são Myint Myint San, também conhecido por Ma Cho, membro do comité de apoio social do partido, que presta auxílio aos presos políticos e suas famílias, e três militantes activos, Sein Hlang, Shwe Gyo e Thein Lwin.

Tomas Ojea Quintana, investigador dos direitos humanos da ONU, tem apelado insistentemente para a libertação dos cerca de 2.100 presos políticos detidos pelo regime de Myanmar, especialmente idosos e doentes, antes das eleições gerais anunciadas para o próximo ano.

- Mianmar e Camboja impedem ativistas de assistirem a reunião da Asean-

Mianmar e Camboja impedem ativistas de assistirem a reunião da Asean

AFP – 03 Mar.

HUA HIN, Tailândia — Mianmar e o Camboja impediram dois ativistas pró-direitos humanos de participarem da reunião deste sábado de dirigentes dos 10 países da Associação das Nações do Sudeste da Ásia (Asean), paralela à Reunião de Cúpula de Hua Hin (Tailândia), denunciou uma ONG.

O primeiro-ministro de Mianmar, general Thein Sein, e seu colega cambojano, Hun Sen, ameaçaram boicotar a reunião de representantes da sociedade civil se estes dois ativistas de seus próprios países estivessem presentes na reunião, declarou Yap Swee Seng, diretor do Asia Forum for Human Rights and Development.

"Estamos realmente decepcionados e lamentamos tal decisão", que se refere a Khin Omar, militante democrata que defende os direitos das mulheres na Birmânia, e Pen Somony, coordenador de um programa de voluntários da sociedade civil no Camboja, denunciou à AFP.

Os chefes de Estado e Governo dos países da Asean participam desde à noite de sexta-feira de uma cúpula na estação balneária de Hua Hin, a 180 km a norte de Bangcoc, centrada nas consequências da crise econômica na região.

-
- **Ban Ki-moon: Mianmar deve libertar todos os prisioneiros políticos**
 - **Junta militar liberta mais de seis mil presos**
-

Ban Ki-moon: Mianmar deve libertar todos os prisioneiros políticos

G1_23 Fev.2009

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, fez um apelo nesta segunda-feira às autoridades de Mianmar pela libertação de todos os prisioneiros políticos do país, um dia depois do governo birmanês anunciar anistia para apenas 17 deles.

"Quero reforçar meu pedido a favor da libertação de todos os presos políticos, incluindo a senhora Aung San Suu Kyi, e a retomada do diálogo entre governo e oposição, sem demora e sem condições", disse Ban à imprensa.

Junta militar liberta mais de seis mil presos

Publico_20 fev.2009

A junta militar no poder na Birmânia anunciou que vai libertar mais de 6300 prisioneiros, com o objectivo de permitir que participem nas eleições do próximo ano, anunciou a televisão oficial em Rangum.

A decisão surge após uma visita de seis dias de um relator especial das Nações Unidas para os direitos humanos, Tomas Quintana e na sequência das declarações da secretária de Estado norte-americana, Hillary Clinton, em Jacarta, onde insistiu na necessidade de mudanças na Birmânia e deixou clara a intenção da nova administração norte-americana em intensificar as pressões sobre os militares, no poder desde 1962.

A televisão birmanesa não especificou se serão libertados alguns dos dois mil presos políticos existentes no país, mas o principal partido da oposição admite que alguns possam vir a ser soltos.

"Alguns presos políticos poderão vir a ser libertados, mas não esperamos que venham a ser muitos", disse o porta-voz da Liga Nacional para a Democracia, Nyan Win. Em Setembro, o regime militar libertou cerca de nove mil prisioneiros, entre os quais o jornalista Win Tin, de 78 anos, o mais antigo preso político da Birmânia.

O relator especial da ONU apelou à libertação "progressiva" dos presos políticos. As Nações Unidas têm insistido na libertação de todos os presos políticos, em particular a Prémio Nobel da Paz Aung San Suu Kyi, em prisão domiciliária desde 2003.

-
- **Junta Militar prorroga prisão domiciliária de braço direito de Aung San Suu Kyi**
 - **Ditadura birmanesa endurece contra ativistas de direitos humanos**
-

Junta Militar prorroga prisão domiciliária de braço direito de Aung San Suu Kyi

EFE_Fev. 13 2009

A Junta Militar da Birmânia prorrogou hoje por mais um ano a prisão domiciliária do vice-presidente da Liga Nacional para a Democracia (LND), Tin Oo, braço direito da líder da oposição, Aung San Suu Kyi.

A medida foi anunciada a Tin Oo por um grupo de policiais que se deslocou a sua casa na zona norte de Rangum, onde tem estado detido desde há quase cinco anos, indicaram fontes da LND.

Tin Oo, general reformado que antes de se juntar à oposição ocupou o cargo de comandante das Forças Armadas birmanesas entre 1974 e 1976, foi detido com Aung San Suu Kyi em Maio de 2003, depois de partidários do regime militar terem atacado a caravana de veículos em que seguiam numa deslocação política no norte do país. A prorrogação da prisão domiciliária do vice-presidente da LND ocorre após a visita oficial do representante especial das Nações Unidas para a Birmânia, Ibrahim Gambari, ao país há duas semanas para promover o diálogo entre a oposição e a Junta Militar e pedir a libertação dos presos políticos.

Ditadura birmanesa endurece contra ativistas de direitos humanos

G1.com.br_16 Fev. 2009

Antes de entrar em Mianmar vindo da Tailândia, você limpa suas malas de qualquer pista de envolvimento em algum mal pernicioso, como espionagem, jornalismo ou pregação de direitos humanos. Depois, você deixa a cidade tailandesa de Mae Sot e atravessa a cintilantemente branca "ponte da amizade" até o posto da imigração birmanesa no outro lado. Entrando em Mianmar (antes conhecida como Birmânia), você ajusta seu relógio: Mianmar está adiantada em 30 minutos – e, ao mesmo tempo, 50 anos atrasada.

O governo da cidade já era um dos mais brutais do mundo, e nos últimos meses conseguiu se tornar ainda mais repressivo. Um blogueiro, Nay Phone Latt, foi condenado a vinte anos na prisão. Um conhecido comediante, Zarganar, foi sentenciado a uma pena de 59 anos. Um ex-líder estudantil, Min Ko Naing, sobrevivente de anos de tortura e confinamento em solitárias, recebeu penas de 65 anos até agora, e enfrenta sentenças adicionais que podem atingir um total de 150 anos.

"Politicamente, as coisas estão piorando", disse David Mathieson, especialista em Mianmar do grupo Human Rights Watch, que vive na fronteira entre Tailândia e Birmânia. "Eles acabaram de sentenciar centenas de pessoas que deveriam ser agentes de mudança a longas penas na prisão."

-
- **Oposição birmanesa lança campanha para libertar Suu Kyi**
 - **Birmânia: ONU apelou à junta e à oposição para retomar o diálogo**
-

Oposição birmanesa lança campanha para libertar Suu Kyi

EFE_21 fev. 2009

O principal partido da oposição democrática de Mianmar (antiga Birmânia) lançou hoje uma campanha para exigir que a Junta Militar liberte a líder da legenda, a Prêmio Nobel da Paz Aung San Suu Kyi, sob prisão domiciliar desde 2003. Centenas de militantes e simpatizantes da Liga Nacional pela Democracia (LND) foram à sede do partido, em Yangun, para colocar o nome em um enorme cartaz, informou o partido, em uma nota. A campanha foi inaugurada coincidindo com a celebração do Dia da União, que lembra a data em que Aung San, pai da líder opositora, declarou, em 1947, a independência unilateral do Reino Unido.

Segundo o porta-voz da LND, Nyan Win, a iniciativa se estende a todos os presos políticos e se ampliará a todo o país, para ganhar apoio a favor de sua causa entre as minorias étnicas. O ato contou com a presença de 300 simpatizantes e dos embaixadores da Alemanha, Estados Unidos, França, Itália e Reino Unido. Na nova capital, Naypyidaw, o chefe da Junta Militar, general Than Shwe, pediu em seu discurso por ocasião do Dia da União que todos os birmaneses se esforcem para construir "uma nação moderna e desenvolvida", de acordo com os princípios da Constituição aprovada em plebiscito em 2008, um documento considerado uma farsa pela oposição democrática. O mapa do caminho do regime rumo à democracia inclui a convocação de eleições em 2010, mas Suu Kyi não poderá se apresentar, por ser viúva de um estrangeiro, de acordo com a Carta Magna.

Birmânia: ONU apelou à junta e à oposição para retomar o diálogo

(Lusa)_6 Fev. 2009-02-12

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, apelou à junta militar no poder na Birmânia e à oposição para retomarem imediatamente e sem condições as negociações políticas substanciais, declarou quinta-feira o seu porta-voz, Michèle Montas. Ban Ki-moon lançou este apelo após uma reunião em Nova Deli com o seu emissário especial para a Birmânia, Ibrahim Gambari, que efectuou uma visita de quatro dias a este país, indicou Montas, numa conferência de imprensa.

O líder da ONU encontra-se na capital indiana após o fim de uma viagem de duas semanas à Europa, África e Ásia. A porta-voz acrescentou que Ban Ki-moon pretendeu apoiar-se na visita de Gambari para "continuar a incentivar um diálogo nacional e a reconciliação" na Birmânia. Ele "apelou ao governo e à oposição retomar um diálogo substancial sem condições prévias e sem mais atrasos", disse. Gambari deixou Rangun terça-feira após uma nova missão de quatro dias durante a qual se reuniu separadamente com a maior figura da oposição, a prémio Nobel da paz, Aung San Suu Kyi e com ministros do governo militar, sem ser recebido pelo número um birmanês, o generalíssimo Than Shwe. Após a visita, o principal partido da oposição na Birmânia manifestou quarta-feira a sua decepção, enquanto a junta acusou Suu Kyi de apresentar condições impossíveis tendo em vista um possível diálogo.

-
- **Birmânia: ONU apelou à junta e à oposição para retomar o diálogo**
 - **Angelina Jolie pede mais liberdade para os refugiados birmaneses**
-

Birmânia: ONU apelou à junta e à oposição para retomar o diálogo

RTP_7 fev. 2009

O secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, apelou à junta militar no poder na Birmânia e à oposição para retomarem imediatamente e sem condições as negociações políticas substanciais, declarou quinta-feira o seu porta-voz, Michèle Montas. Ban Ki-moon lançou este apelo após uma reunião em Nova Deli com o seu emissário especial para a Birmânia, Ibrahim Gambari, que efectuou uma visita de quatro dias a este país, indicou Montas, numa conferência de imprensa. O líder da ONU encontra-se na capital indiana após o fim de uma viagem de duas semanas à Europa, África e Ásia.

A porta-voz acrescentou que Ban Ki-moon pretendeu apoiar-se na visita de Gambari para "continuar a incentivar um diálogo nacional e a reconciliação" na Birmânia. Ele "apelou ao governo e à oposição retomar um diálogo substancial sem condições prévias e sem mais atrasos", disse.

Guardari deixou Rangun terça-feira após uma nova missão de quatro dias durante a qual se reuniu separadamente com a maior figura da oposição, a prémio Nobel da paz, Aung San Suu Kyi e com ministros do governo militar, sem ser recebido pelo número um birmanês, o generalíssimo Than Shwe. Após a visita, o principal partido da oposição na Birmânia manifestou quarta-feira a sua decepção, enquanto a junta acusou Suu Kyi de apresentar condições impossíveis tendo em vista um possível diálogo.

Angelina Jolie pede mais liberdade para os refugiados birmaneses **A atriz visitou a Tailândia como Embaixadora da Boa Vontade da ONU**

Ego_7 fev. 2009

Angelina Jolie pediu ao governo tailandês que dê mais liberdade aos refugiados birmaneses que vivem no país. A atriz, que é Embaixadora da Boa Vontade da ONU, visitou a Tailândia nesta quarta-feira, 04. Em comunicado, ela diz que ficou muito triste ao ver a situação dos campos de refugiados: "Fiquei muito triste em conhecer uma jovem de 21 anos que nasceu em um dos campos, nunca saiu e hoje cria sua filha no local", disse Angelina.

A atriz pediu às autoridades tailandesas que concedam liberdade para 110.000 refugiados para que eles possam deixar os campos e estudar, já que não há chance, a curto prazo, de que eles sejam aceitos de volta em seu país, Myanmar.